

Tranquilidade no mercado financeiro

O mercado financeiro recebeu com tranquilidade a divulgação oficial do "pacote". O presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Eduardo da Rocha Azevedo, considerou que a taxação sobre operações financeiras não vai prejudicar o desenvolvimento dos negócios, mas advertiu que "fica uma porta aberta para, a qualquer momento, haver um aumento de alíquota".

Rocha Azevedo lembrou que a maior preocupação era que a Bolsa de Valores, "como uma indústria nascente, que criou volume nos últimos três anos", tivesse uma taxação muito grande, o que não ocorreu. Segundo ele, em mercado de risco, não deveria haver taxação.

O presidente em exercício da Febraban (Federação Brasileira de Bancos), Pedro Conde, considerou o "pacote" como "altamente positivo em suas intenções, e deve receber nosso apoio". Mesmo sem especificar as resoluções do "pacote" no aspecto do mercado financeiro, Conde afirmou que "esse trabalho necessariamente deve ser feito a duas mãos: a iniciativa privada outra vez colabora com o governo para que se resolva a questão da inflação, mas o governo também deve colaborar reduzindo seus gastos".

As aplicações no mercado financeiro, mesmo com a tributação do IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) determinada pelo "pac-

te", ainda são interessantes para períodos de até quatro ou cinco dias, a partir dos quais o custo fica mais elevado, observou Elmo de Araújo Camões, do Banco Sogeral. "Isso pode fazer com que muitas pessoas retirem os seus recursos aplicados em fundos e os coloquem na Bolsa, pois as empresas podem captar recursos a um custo mais barato através de ações", afirmou.

"O pacote beneficia o mercado como um todo, fazendo com que as taxas de juros possam baixar", considerou Camões. No aspecto social, o banqueiro destacou a "justiça social" do "pacote", na medida em que busca uma política de maior distribuição de renda.